

AS RAZÕES (DO SUCESSO) DE OLAVO
DE CARVALHO (1983-2016)

*LAS RAZONES DEL ÉXITO DE
OLAVO DE CARVALHO*

*THE REASONS FOR OLAVO DE
CARVALHO'S SUCCESS*

*Lidiane Soares RODRIGUES**

RESUMO: Este trabalho sustenta que a principal razão do sucesso de Olavo de Carvalho/OC (1947-2022) consistiu no encaixe único entre suas “estratégias de escritura e de autor” e o mercado das reações antipetistas, no início das gestões presidenciais consecutivas de Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff (2003-2016). Por um lado, OC treinou-se, desde os anos 1980, no enfrentamento de acadêmicos na mídia impressa carioca, prática que lhe garantiu uma posição entre filósofos católicos polígrafos e a acumulação primitiva de capital anti-intelectual. Por outro lado, as políticas educacionais petistas desestabilizaram hierarquias simbólicas e estimularam expectativas econômicas e culturais que não satisfizeram. OC soube fazer-se porta-voz destas frustrações nacionais pois há décadas era portador de desilusões análogas. O caso em tela suscita reservas críticas à sociologia dos intelectuais, por sua inusitada desatenção ao nexos entre sistema de ensino, morfologia e política na análise do mercado de “opiniões” em que Olavo “tem razão”.

PALAVRAS-CHAVE: Olavo de Carvalho. Antipetismo. Anti-intelectualismo. Filosofia no Brasil. Sociologia dos intelectuais.

* Universidade Federal do ABC (UFABC). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e sociais da UFABC (PGCHS). ORCID 0000-0003-2011-9888. Este trabalho apresenta resultados de um projeto selecionado pelo Universal do CNPq/16 (401043/2016-9). Contato: lidiane.s@ufabc.edu.br. Assumo a responsabilidade por falhas e reputo eventuais méritos ao diálogo com Vera Cepêda, Marcelo Ridenti, Jorge Chaloub, Paulo da Costa (que está concluindo uma tese sobre OC), Daniel Feldmann, Júlio Canhada, Nicolau Bruno, Chico Alambert e Daniel Lago.

RESUMEN: *En este trabajo se argumenta que la principal razón del éxito de Olavo de Carvalho/OC (1947-2022) fue el encaje único entre sus «estrategias de escritura y autoría» y el mercado de reacciones antipartido al inicio de los gobiernos presidenciales consecutivos de Luís Inácio Lula da Silva y Dilma Rousseff (2003-2016). Por un lado, OC se entrenó desde la década de 1980 en la confrontación con académicos en la prensa escrita de Río de Janeiro, una práctica que le garantizó una posición entre los filósofos polígrafos católicos y la acumulación primitiva de capital antiintelectual. Por otro lado, las políticas educativas del PT desestabilizaron las jerarquías simbólicas y estimularon expectativas económicas y culturales que no se cumplieron. OC supo ser portavoz de estas frustraciones nacionales, ya que había sido portador de decepciones similares durante décadas. Este caso plantea reservas críticas a la sociología de los intelectuales, debido a su inusual falta de atención al vínculo entre el sistema educativo, la morfología y la política a la hora de analizar el mercado de «opiniones» en el que Olavo tiene «razón».*

PALABRAS CLAVE: *Olavo de Carvalho. Antipetismo. Antiintelectualismo. Filosofía en Brasil. Sociología de los intelectuales.*

ABSTRACT: *This paper argues that the main reason for the success of Olavo de Carvalho/OC (1947-2022) was the unique fit between his “writing and authoring strategies” and the market for anti-Party reactions at the beginning of the consecutive presidential administrations of Luís Inácio Lula da Silva and Dilma Rousseff (2003-2016). On the one hand, OC trained himself, since the 1980s, in confronting academics in the Rio de Janeiro print media, a practice that guaranteed him a position among Catholic polygraph philosophers and the primitive accumulation of anti-intellectual capital. On the other hand, the PT’s educational policies destabilized symbolic hierarchies and stimulated economic and cultural expectations that they did not satisfy. OC knew how to be a spokesperson for these national frustrations, as he had been the bearer of similar disappointments for decades. This case raises critical reservations about the sociology of intellectuals, due to its unusual lack of attention to the link between the education system, morphology and politics in the analysis of the market for “opinions” in which Olavo is “right”.*

KEYWORDS: *Olavo de Carvalho. Antipetism. Anti-intellectualism. Philosophy in Brazil. Sociology of intellectuals.*

Introdução

“ (...) morreu com a sensação de que sua existência social fora um fracasso (...). Essa era sua tragédia – e a nossa – enquanto seres humanos”.

(Norbert Elias. *Mozart*, p. 9)

Olavo de Carvalho/OC (1947-2022) distinguiu-se no mercado brasileiro das opiniões políticas por seu *sucesso* estrondoso, seu *antipetismo* e seu *anti-intelectualismo*. Adotando a perspectiva de Pierre Bourdieu a respeito do Estado (Bourdieu, 2012) e da articulação entre morfologia e tomadas de posição ideológicas (Bourdieu, 2007), é impensável abordá-lo sem caracterizar o *sistema de ensino* (entendido como banco central do capital cultural legítimo e alvo do anti-intelectualismo) e as *posições* assumidas pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Afinal, a apoteose dessa carreira foi alcançada pela oferta de ideias e atitudes dirigidas contra ambos.

As reviravoltas recentes no mercado nacional de bens simbólicos são indissociáveis das quatro conquistas eleitorais consecutivas (2002, 2006, 2010, 2014) do PT no pleito presidencial pois elas implicaram a inversão da topografia situação/oposição, vigente desde a reabertura política. Diferentemente do que foi se sedimentando desde os anos 1970, a vitória petista *tornou a esquerda situação e a direita, oposição*. As implicações culturais da nova topografia ainda padecem da falta de atenção. Ressalta-se, para subsidiar o argumento deste trabalho, apenas a demanda da imprensa por “oposição” e a correlata eliminação da *vergonha* em se assumir “de direita” no Brasil.

Desde a reabertura política, estabeleceu-se a identificação entre regime autoritário e direita, “envergonhando” os portadores dessa visão de mundo e inibindo a manifestação dos mesmos (Rocha, 2019, p. 111). A inversão topográfica esquerda-situação/direita-oposição, ao contrário, estimulou-os, pois depois de 2003, suas opiniões foram *legitimadas por serem de oposição*.

Em contrapartida, tornaram-se vacantes os postos de exercício de crítica ao governo federal na imprensa, outrora ocupados majoritariamente por intelectuais petistas¹. Eles se orientaram, desde então, pela prudência em “não dar armas ao adversário”, com elegante autocensura. Ao ser constrangida pela imprensa a exer-

¹ Majoritária, porém não exclusivamente. As funções foram exercidas por espectro variado de intelectuais da esquerda-oposição – jornalistas e/ou acadêmicos, “mdbistas”, ex-comunistas, sindicalistas, próximos a movimentos sociais dos anos 1970/80 ou da contracultura – que foi se segmentando na órbita do PT e do Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB), na configuração partidária posterior à outorga da Constituinte Constitucional (1988). Há numerosos estudos pressupostos nesta assertiva e um balanço disso encontra-se em Caldara (2024).

cer *oposição* quando o PT se tornou *situação*, a petista/professora de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), Olgária Matos (1948), reagiu: “não é do dia para noite que se abandona um presidente” (Marreiro; Bahia, 2003, n.p.).

Contudo, não foram eliminadas as demandas pelo trabalho de ofertar ideias contrárias ao governo, pois esta é uma peça estruturante do jornalismo em “democracias” contemporâneas (isto é, em países com disputa política rotinizada, eleições periódicas e comunicação como empresa econômica livre de censura estatal).

Por conseguinte, um tipo de intelectual estranho à configuração vertebrada na imprensa desde meados dos anos 1970 passou a ocupar as (o) *posições* vagas – por exemplo, Luiz Felipe Pondé, Marco Antônio Villa, Demétrio Magnoli, Rodrigo Constantino, dentre outros. E não surpreende que os conteúdos doutrinários sustentados por eles correspondam ao princípio da demanda de (o) posição que os impulsionou: *nem toda oposição antipetista é de direita, mas a direita é antipetista em seu conjunto*.

O nexos entre a inversão topográfica e a emergência da oposição intelectual de direita/antipetista torna-se óbvio². O tópico seguinte é menos simples de desambiguar.

Dois processos concomitantes tendem a ser tratados como incongruentes ou indiferentes um ao outro, mesmo por bourdieusianos. De um lado, o esforço do Ministério da Educação (MEC) no enfrentamento da desigualdade estrutural de oportunidades educacionais no país e, de outro, a proliferação de condutas e discursos anti-intelectualistas. Entretanto, é preciso articulá-los.

A gestão do ministro Fernando Haddad (2005-2012) ampliou a malha institucional do ensino superior, por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), do Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e do Programa Universidade para Todos (PROUNI). Concomitantemente, políticas afirmativas orientadas à diversificação social do acesso às universidades foram sendo adotadas, culminando na sanção da Lei de Cotas em 2012, que prescreve a reserva de 50% das vagas a pessoas oriundas da rede pública de ensino, de baixa renda, pretos, indígenas, quilombolas e/ou com deficiência (PcDs). Em sua primeira década, ela beneficiou 1,1 milhão de estudantes e favoreceu a diversificação socioeconômica e racial da clientela estudantil, dos docentes e dos dirigentes universitários. O número de estudantes e de professores aumentou, cresceram o número de vagas de ingresso para os primeiros e de trabalho para os segundos (por vezes, formados por/nesta

² Não se dispõe de espaço para a revisão bibliográfica a respeito deste tópico, contudo, obviamente, a adoção da perspectiva objetiva, relacional e topográfica dispensa esta análise das disputas classificatórias em torno da nomenclatura das forças que se opuseram e derrotaram o PT (“direita ultraliberal”, “nova” direita, “novos” conservadores, etc.). Interessa ao argumento a posição e o conteúdo específico do *antipetismo* da fase presidencial em tela.

mesma voga de crescimento; por vezes, em estado de espera de oportunidades, formado pela voga anterior) (Nicolau, 2019; Daflon, Feres Junior, Campos, 2013).

De uma perspectiva histórica não se ignora que há efeitos (quase) invariantes desencadeados por políticas educacionais similares a estas: o crescimento de demanda por visões de mundo sistematizadas, implicando mais consumo de imprensa política (correlato ao aumento da média social do tempo de escolaridade) (Bourdieu, 2007), o apelo a formas expressivas menos diletantes e a desvalorização dos diplomas (correlata à universalização tendencial deles) (Ringer, 2000, Lепенies, 1996) e a multiplicação dos “intelectuais frustrados” (Chartier, 1996). Portanto, apenas a consideração das expectativas e das frustrações nacionais em torno do sistema de ensino, moldadas pelas políticas educacionais petistas, torna sociologicamente inteligível as demandas atendidas pelo anti-intelectualismo de Olavo de Carvalho (OC). A esse esboço se dedica a primeira seção. Em seguida, trata-se das fases da carreira de OC: da reabertura à eleição de Fernando Henrique Cardoso (1983-1994) e desta à eleição de Lula (1995-2002), seguida pelo apoteótico reconhecimento de “parteiro” da “nova direita” (2003-2016)³. Ao longo da argumentação, o artigo explicita reservas críticas à sociologia dos intelectuais, por sua reduzida atenção ao nexos entre sistema de ensino, morfologia e política na análise do mercado em que Olavo “tem razão”⁴ (Brasil, 2017).

Ambições governamentais, expectativas nacionais, frustrações individuais

As proezas das políticas educacionais do período são dignas de nota, tendo em vista o que representam em relação à histórica desigualdade de acesso ao ensino superior. Havendo investimento governamental, houve também busca de retorno

³ A divisão destas fases baseia-se nos depoimentos encontrados em Rocha, 2019, p. 103 e seguintes e a reconstrução das discussões, nos depoimentos de OC (Carvalho, 1996, p. 15-32; Carvalho, 1998a, p. 16-19; Carvalho, 2019a).

⁴ Cumpre esclarecer que se emprega o termo “mercado de opiniões/reações antipetistas” por conveniência e, portanto, com alguma reserva crítica. A expressão “pegou”, logo, a comunicação é favorecida. Ademais, alude a duas referências cruciais para o assunto. A primeira delas diz respeito à divisão social do trabalho e à monopolização das condições de produção (e de consumo) de opiniões políticas – tal como formulado por Pierre Bourdieu (2007), no capítulo 8, de *A distinção*. Daí o termo “mercado”. A segunda delas diz respeito ao conteúdo de tais opiniões – a “retórica da reação” contrária ao caráter progressista das gestões petistas – algo observado, em outros contextos históricos, pelo sagaz Albert O. Hirschman (1992). Contudo, por esmero analítico, convém insistir que é do campo intelectual (e de sua dinamização em pólo autônomo e heterônomo) que se extrai a lógica das (o) posições em jogo – como esta análise demonstrará adiante. Neste sentido, a gênese substantiva das chamadas “opiniões/reações” corresponde (externamente) ao empuxo das “tomadas de posições” (diferenciais, competitivas e internas ao campo intelectual) – expressão que Pierre Bourdieu emprega majoritariamente no exame de espaços específicos da produção científica e artística. (cf. Bourdieu, 1996; 2001a; 2001b; 2013).

político, de tal modo que a exploração dramática e publicitária dos feitos de Haddad/Lula foi rotinizada, tornando-se usuais variações de algumas fórmulas em discursos oficiais: “Pusemos em marcha a revolução da educação”, diz Lula (Passarinho; Targino, 2010, n.p.); “A vida não me deu a oportunidade de entrar na universidade como aluno, mas posso dizer que fui abençoado com a chance de resgatar a dignidade da universidade brasileira como presidente” (Silva, 2018, n.p.) .

As mídias e calendário escolar sincronizaram-se. No final e no início do ano letivo, momentos marcados por formaturas e resultados dos exames vestibulares, o noticiário foi povoado pelo “filho do pedreiro com a empregada doméstica” que concluiu ou ingressou em cursos superiores (Carvalho, 2022). A multiplicação dos exemplos individuais de sucesso escolar improvável há poucas décadas e sua exibição periódica afixaram o slogan do segundo governo Dilma (“Brasil, pátria educadora”) e alcançaram a campanha presidencial de 2022, em que a dupla Lula/Haddad se apresentava como “Presidente operário/Ministro professor”. Esse segmento da população não foi apenas objeto de políticas públicas, porém também dos estímulos oficiais para a dedicação às oportunidades abertas pelas gestões petistas – afinal, a vingança delas dependia de seu sucesso. Não se deveria menosprezar o poder destas ações governamentais/estatais inculcarem esperanças atreladas a modelos de conduta, tanto entre os beneficiários efetivos das políticas (e suas famílias) quanto entre os alvos potenciais (que elas ainda não atenderam ou não lograram atingir).

A “primeira geração da família a chegar à universidade” não se tornou uma categoria tão popular somente por conta da publicidade que recebeu na imprensa. Ela realizou esforços íngremes para atender as exigências universitárias, cujas práticas são estranhas, e por vezes incongruentes, às de seu meio de origem. Além disso, para tal segmento, satisfazê-las pressupõe ruptura com modos de agir, pensar e sentir que tal meio lhes inculcou – ou seja, se o malogro escolar implica sofrimento social para todos, para esta camada, o sucesso também (Bourdieu, 2002). O esforço redobrado concorreu para que ela (e suas famílias) atribuíssem redobrada legitimidade às expectativas de recompensas positivas. Contudo, elas se tornaram incompatíveis com a capacidade sistêmica de atendê-las. Isso já foi sobejamente demonstrado, restando apenas extrair daí as consequências para a sociologia dos intelectuais.

O combate à *evasão*, desiderato central do REUNI, mirando uma taxa de conclusão de graduação (TCG) de 90%, não foi alcançado. Avaliadores constataram que a TCG *caiu* depois de sua implementação: antes dela, em 57,2% das instituições, a taxa variava entre 67% a 90%, depois, em 58,5%, variava entre 44% e 67% (Moura, Passos, 2019). Dito de modo sintético, em relação à histórica exclusão do ensino superior de camadas modestas, os feitos foram notáveis, mas se avaliadas em relação ao propósito estabelecido para si próprias, foram módicas tentativas de atenuar desigualdades que deram ensejo a outras (Almeida; Ernica, 2015).

No pináculo do sistema, oposto à evasão, isto é, a conclusão do doutorado, são outras as frustrações. Avaliou o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), órgão do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI): entre 2014 e 2017, o número de doutorados foi acrescido em 36,1%, sendo que 53,6% dentre eles encontram *sem* emprego em sua área de especialização. Os índices convergem aos do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), segundo os quais, entre 2012 e 2023, houve um aumento de 21,2 % de indivíduos em ocupações incompatíveis com sua (alta) escolaridade.

O retorno em renda conferido pela escolarização prolongada mostra-se em declínio. Ainda é certo que as pessoas que completaram apenas o ensino fundamental têm remuneração inferior àquelas que cursaram até o médio e o superior, contudo, a *redução* do rendimento tem sido mais acentuada justamente entre estas últimas. Entre 2019 e 2022, indivíduos com ensino médio completo apresentaram uma queda da renda de 2,5%, já aqueles com o ensino superior completo, 8,7% (DIEESE, 2023). Corroborando a tendência, o Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV) constatou que entre 2012 e 2023, *a renda do trabalho aumentou inversamente à escolaridade*: as pessoas que não completaram um ano de estudo tiveram seus rendimentos aumentados em 27,5% (Canzian, 2023).

Portanto, as propagandas oficiais e as políticas educacionais ensejaram fricções entre expectativas e (ir) realização. De um lado, tem vigência a crença no valor da escolarização prolongada, por conta da tendência à universalização dele, por outro, a capacidade decrescente de garantir retorno positivo é evidente. A perda do valor econômico tensiona e acompanha, portanto, a valorização social dos diplomas⁵.

É possível cogitar que daí se originem três frações: a dos *realizados*, que atribuem sucesso às políticas educacionais petistas, por meio de seu próprio sucesso; a dos *frustrados* (seja por considerarem seus altos esforços *pouco recompensados*, seja por terem *evadido do sistema*, seja por *não terem ingressado* nele) e a dos *ameaçados* (pelo novo padrão competitivo estabelecido pelas políticas)⁶. Os dois últimos tipos – *frustrados/ameaçados* – obviamente são mais numerosos do que o primeiro. Eles constituem o público-alvo dos ofertantes de opiniões antipetistas entrelaçadas à visão anti-intelectualista do mundo cultural, suas demandas dinamizam o mercado em que Olavo “tem razão” (Brasil, 2017).

⁵ Um bom indício disso é o seguinte: durante a presidência que sucedeu o período em questão, ministros da educação mentiram a respeito de seus títulos e experiências acadêmicas: Carlos Alberto Decotelli, Abraham Weintraub; Ricardo Vélez Rodriguez. O aspecto mais significativo disso não é a falsificação, porém a *necessidade* de ser portador de títulos, empuxo do blefe simbólico ministerial. Efetivamente, o sistema escolar tornou-se ainda mais crucial em função da inédita combinação entre ambições governamentais, expectativas nacionais e frustrações individuais.

⁶ Os grupos que não foram beneficiários das políticas educacionais não passam ilesos a elas, pois a reconfiguração morfológica do ensino público superior impactou o valor dos diplomas de modo sistêmico, impondo a eles o desenvolvimento de estratégias para a evitarem seu descenso (como demonstra a circulação internacional escolar cada vez mais precoce dos filhos das elites dirigentes).

Com católicos, contra acadêmicos (1983-1994)

Em 1983, às vésperas das “diretas já”, aos 36 anos, OC publicou seus 3 primeiros livros, versando a respeito de teologia e astrologia⁷. No Rio de Janeiro, em 1987, iniciou a oferta do “Seminário de Filosofia”, como cursos “livres” (destituídos de certificação). Entre 1992 e 1993, ele frequentou o Conjunto de Pesquisa em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica (Conpefil/PUC-RJ), entidade sob tutela do padre Stanislavs Ladusāns (1992-1993), cujo fechamento se deu em função de seu falecimento. Nesta fase, OC atuou na imprensa carioca e ganhou visibilidade por meio de dois debates nas páginas do *Jornal do Brasil (JB)* e *d’O Globo*.

No primeiro, ele publicou “Bandidos e Letrados”, artigo em que postulava a idealização artístico-intelectual “da malandragem, do vício e do crime”, como uma das causas do crime organizado na cidade (Carvalho, 2019b, p. 213). No segundo, ele publicou uma carta enviada ao físico Ênio Candotti (1942-2023), então editor de *Ciência Hoje*, revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), solicitando a reconsideração do parecer negativo recebido por seu artigo “Uma filosofia aristotélica da cultura” (Carvalho, 1994a). Candotti o respondeu pelo mesmo *JB*, defendendo o periódico, a revisão por pares e a SBPC, inaugurando reações em cascata. Finalmente, Miguel Reale (1910-2006) convidou-o para o V Congresso Brasileiro de Filosofia, ocasião em que Romano Galeffi (1915-1998) e Milton Vargas (1911-2011) discutiram o artigo com ele.

Do ângulo midiático, os dois episódios consistiram na primeira experiência de visibilidade para OC. Do ângulo da Filosofia, o segundo caso implicou a determinação de uma posição particular. Vejamos.

Entre a criação do primeiro curso universitário de Filosofia (1934) e da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) (1983), constituiu-se o espaço da prática desta área no país e nele opõem-se filósofos universitários aos não universitários. Essa divisa remonta aos anos 1950, quando, de um lado, situava-se o grupo de Reale, no Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF); e, de outro, os jovens em torno de João Cruz Costa, formados pela USP. Àquela altura, os primeiros eram dominantes, organizavam congressos a que os uspianos iam acanhados, tinham periódico próprio, seus praticantes eram originários das elites regionais do país – padres, juristas, engenheiros. No entanto, o padrão de formação estabelecido pelos segundos venceu no longo prazo, impondo-se como princípio de apreciação e de depreciação do trabalho filosófico do campo (Rodrigues, 2017).

Ao obter o apoio de Reale, Vargas e Galeffi, OC situou-se *no/com* o polo dominado, católico e polígrafo de praticantes de Filosofia, associados em organiza-

⁷ São eles: *Universalidade e Abstração e Outros Estudos* (Carvalho, 1983a); *O Crime da Madre Agnes ou: A Confusão entre Espiritualidade e Psiquismo* (Carvalho, 1983b) e *Astros e Símbolos* (Carvalho, 1983c).

ções próprias *contra* o polo dominante universitário, suas práticas, suas instituições profissionais e suas tomadas de posição⁸. Daí a estreita correlação entre a *posição* objetiva e as estratégias de escritura e de autor, cristalizadas na percepção de OC quanto ao fechamento de seus possíveis no espaço intelectual nacional⁹. Elas são evidentes no sistema de oposições, *vícios/virtudes* atribuídas a *eles/eu* – isto é, as tomadas de posição (1, 2, 4), o exercício *x* o sofrimento de práticas (i)legítimas (3), a representação do público (4), a inversão discursiva da hierarquia objetiva (5, 6) e os atributos morais elevados/rebaixados (6).

Quadro 1: um sistema de oposições

Excertos 1	Eles [por afirmação, vícios]	Eu [por oposição a eles, virtudes]
Bandidos e letrados	O dever de ser bom e justo cabe à sociedade. (1)	O dever de ser bom e justo cabe aos indivíduos.
	Idealizam a malandragem, o vício e o crime; humanizam o delinquente; animalizam o cidadão de classe média e alta. (2)	Dou razão à polícia, exalto as virtudes da classe média ordeira e pacata, valorizo o homem pobre quando religioso e cumpridor dos seus deveres, considero os ladrões e assassinos homens piores do que os outros.
Contra SBPC	Fogem do mérito da questão, julgam para não serem julgados, fingem proteger o público protegendo a si mesmos. (3)	Não fui lido e fui julgado por um incompetente.
	O público leigo não tem maturidade para entender Aristóteles. (4)	Entre os leitores d' <i>O Globo</i> há um número maior de pessoas cultas e capacitadas do que no comitê editorial de <i>Ciência Hoje</i> .
	Não tem autoridade de um novo Santo Ofício para decidir o que o público está ou não está maduro para saber. (5)	Jornalista profissional, há trinta anos espero que os debates científicos invadam as páginas da imprensa diária.
	Ineptos, presunçosos, omissos, corruptos, usurpadores, donzelas, proteção para menino indefeso/ignorante, imposição de autoridade e pancadas (<i>argumentum auctoritatis/argumentum baculinum</i>) imaginam-se notáveis. (6)	Respeitoso, corajoso (desafio publicamente), solitário (sem a proteção corporativa), viril e maduro (em oposição a donzela/menino). *

Fonte: Organizado pela autora.

*Opta-se por apresentar os excertos mais longos no ANEXO A, para não truncar o fluxo argumentativo.

A estratégia consiste na representação das instituições, em que se encontram os adversários que *ilegitimamente* exercem autoridade, e dele, externo a elas, incarnando a competência intelectual e virtudes idealmente correspondentes a

⁸ Não se ignora a discussão “OC (é ou) não é filósofo”, ao contrário: a existência dessa indagação é indício irrefutável de *certo* pertencimento ao espaço da prática, acima esboçado.

⁹ Essas noções sugerem haver articulação entre a fatura dos textos e a figura social do autor (autorrepresentação, corporeidade/voz, estilo de ser figurado em paratextos, etc.) (Sapiro, 2019). Fernando Pinheiro a mobilizou para tratar de Paulo Coelho, Manuel Bandeira e Clarice Lispector (Pinheiro, 2024).

ela (respeito, coragem, virilidade e maturidade). A fusão com o público se faz na pirueta da inversão segundo a qual ambos, OC e leitores d'*O Globo*, são mais capacitados do que a SBPC. A inversão discursiva da hierarquia objetiva é uma de suas fórmulas.

As virtudes são enobrecidas por serem exercidas *solitariamente* – *eu/sozinho x eles/juntos/a sociedade*. Ora, a solidão caracteriza-se, sociologicamente, não pela ausência da vida coletiva, mas por um *modo* de se relacionar com ela. Sendo a solidão de OC uma resposta *negativa* à sociedade, é, portanto, determinada pela representação dela. Ele se apresenta como alguém ciente dos códigos, mas incapaz se conformar a eles, e investindo-se do dever da negação antissocial *legítima*, em nome da causa (filosófica) maior. Observe-se: “Um escritor educado, como um bom convidado à mesa, não deve ir logo de entrada falando de si mesmo. Transgrido aqui as boas maneiras por necessidade intrínseca do assunto(...)” (Carvalho, 1998a, p. 21). Na figura do *autor* (o solitário virtuoso, apartado da vida social) é construída a tese sustentada na *escritura* de seu primeiro *best seller*, publicado em 1996: “duas ou três mil cabeças pensam muito pior que uma” (Carvalho, 2019a, p. 17).

De Rio a Brasil (1995-2002)

O ritmo das publicações, os títulos e os conteúdos dos livros nesse período são decisivos para que o rechaço do coletivo deslize da *negação* solitária das convenções sociais à *extrapolação* das métricas socialmente aceitas. São oito livros em oito anos. Os títulos combinam o nível elevado e rebaixado azeitados pelo humor da quebra de decoro. Observe-se: em 1996, *O imbecil coletivo. Atualidades inculturais brasileiras* (Carvalho, 2019a), vem a público como o último de uma trilogia iniciada por *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci* (1994b) e *O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César* (1995) (os dois últimos títulos têm fórmula elevada, o primeiro, rebaixada). Em seguida, mesmo zigue-zague: *Aristóteles em perspectiva* (1996) e *O futuro do pensamento brasileiro: estudos sobre o nosso lugar no mundo* (1997) (elevados); *O imbecil coletivo II: A longa marcha da vaca vai para o brejo e, logo atrás dela, os filhos da PUC* (1998a) (rebaixado); *O exército na história do Brasil* (1998b) (neutro). Ignorar a hierarquia simbólica implicaria ausência de graça nos títulos. Para que daí se extraia riso, é preciso haver algum *reconhecimento* (tenso) dela.

Ampliando a área de visibilidade até então circunscrita à dos jornais cariocas, *Aristóteles em perspectiva* (1996) e *O imbecil coletivo* (2019a), ao reunirem os textos de “Bandidos e letrados” e “contra a SBPC”, exportaram OC do Rio para o país (e tal reinvestimento sinaliza a disposição de ajuste à lógica da visibilidade, atuante e ainda mais eficaz no período 2003-2016). A fatura editorial deles são

cruciais para arrematar a caracterização da estratégia de autor/escritura e o nexa dela com sua posição no mercado das opiniões.

Aristóteles dedica-se à apresentação da “teoria dos quatro discursos”, a saber: a *poética*, a *retórica*, a *dialética* e a *lógica* são fundadas em princípios comuns, e, portanto, formam uma “ciência única”. O livro se divide em três partes: o prólogo (dedicado a narrar a “polêmica entre o autor e a SBPC”), o miolo (cerca de 110 páginas em que a tese é sustentada), e, finalmente, “Aristóteles no dentista” (cerca de 65 páginas). “Aristóteles no dentista” reúne os artigos publicados por ele nos jornais, as cartas enviadas à SBPC e a *correção* item a item do parecer negativo, espécie de “parecer do parecer” – piroeta a serviço da inversão da autoridade (o que demonstra a constância da fórmula acima caracterizada e de sua aplicação). A quantidade de ironias e trocadilhos turva o entendimento de seus argumentos e ultrapassa a medida socialmente aceita (mesmo tendo critérios não-universitários como parâmetro). Um modo sucinto de ilustrar a propensão à desmedida consiste no exame da epígrafe:

“Quanto maior a obra pensada de um pensador – a qual não coincide de maneira alguma com a extensão e o número de seus escritos –, tanto maior, nessa obra, aquilo que foi deixado sem pensar, isto é, aquilo que, através dela e somente dela, chega a nós como jamais pensado. MARTIN HEIDEGGER”. (Carvalho, 1996, s/p, grifo do autor).

O termo “obra maior” refere-se tanto à dele, OC, quanto à de Aristóteles: o miolo do livro é a apresentação da unidade da filosofia deste segundo, descoberta pelo primeiro e “jamais pensada pela tradição ocidental”. Somando-se os paratextos agigantados, nos quais se “revelam” suas razões em oposição aos pareceristas da SBPC, mais de 1/3 do livro é dedicado aos combates do “descobridor/Olavo” e não ao “autor/descoberto” (Aristóteles). Na fatura editorial, afirma-se que a SBPC não entendeu Olavo, a tradição ocidental não entendeu Aristóteles e cabe ao primeiro explicar ambos, segundo o conselho de Heidegger, grafado em maiúsculas. O apelo ao nome do alemão é ornamental, sinaliza que ele só pode mimetizar o polo dominante do campo filosófico em desazo, por conta de seu *handicap* de capitais específicos. É nessa dinâmica ambiciosa e aflita que enobrece plebeiramente sua estreia digital, dando título em latim ao blog criado em 1998, ano da reeleição de Fernando Henrique Cardoso: *Sapientiam autem non vincit malitia!* (A sabedoria não é vencida pela malícia). Sublinhe-se a promessa salvífica do purismo moral (eu/ sabedoria/ virtude/ vitória x eles/ malícia/ vício/ vencida) como componente constante de sua fórmula.

A busca por compensações torna compreensível a desmesura. A Filosofia submete seus praticantes à construção de uma singularidade eivada de predicados extraordinários. De tal modo, o agente a que faltam os capitais para tanto, excede-se

no quê e como pode: autorrepresentação à escala Grécia/Alemanha, Aristóteles/Heidegger, expressões latinas, além das fianças de criatividade, combinando com humor alto/baixo, apelidando os inimigos, propondo (auto)ironias, inversões, trocadilhos, neologismos. Vale sugerir que se realize um exame das reações do campo filosófico a OC, pois é certo que, *incorporado de modo alodóxico*, está em operação, direcionando a ação de OC (emprega-se “alodoxia”, nos termos de Pierre Bourdieu, isto é, trata-se do erro de juízo subjetivo a respeito de uma prática ou do valor objetivo de um bem simbólico – Bourdieu, 2007, 1996, 2013). O caso é exemplar disso. Observe-se: é justamente o anseio de corresponder às proezas da Filosofia no Brasil que leva Olavo de Carvalho a traír uma regra dele, aquela segundo a qual seus praticantes devem se especializar no comentário de *um* autor estrangeiro, ser fluente na língua nativa dele e dominar um tópico de sua fortuna crítica *entre os brasileiros*, ainda que estes últimos legitimem-se citando estrangeiros (Rodrigues, 2017). OC não tinha capital linguístico e tampouco o domínio da fração da fortuna crítica (re) conhecida pelos filósofos brasileiros, para comentar Epicuro, Aristóteles, Schopenhauer, Husserl, Maquiavel, Descartes – como fez. E, ainda assim, para arrepiar dos que afirmam que nenhum acadêmico o leu, Ruy Fausto (2018) comentou seu Epicuro, Ricardo Musse (2007) resenhou-o na Folha de S. Paulo. Ademais, é certo que no interior do campo acadêmico, são os marxistas que o respondem (Fausto, Musse, Konder), polo dominado neste espaço (Rodrigues, 2023).

Aristóteles (1996) dirige-se contra o campo científico (SBPC) e *O imbecil II* (2019a) orienta-o para o espaço midiático nacional. A primeira edição esgotou-se em três semanas e ele foi entrevistado na televisão por Pedro Bial:

“**Bial:** você está à direita, Olavo?”

Olavo: à direita de Deus-pai Todo-Poderosos no Juízo Final, eu espero. (...) se é de esquerda ou de direita (...) não me interessa. O que me interessa é em cima e embaixo. (...) quem estava no poder era a direita, eu estava na esquerda como crítico. Agora eu acho que a esquerda está num momento de ascensão, então eu (...) passo a olhá-la com olhos críticos.” (Carvalho, 2013, n.p.).

Para OC, como para numerosos segmentos silenciados pela vergonha de ser de direita, PSBD e PT encontravam-se na mesma categoria classificatória, “esquerda” (Rocha, 2019). Ele, contudo, seguindo a regra se portar como exceção, não estava sob os efeitos inibidores da vergonha, como seu público, àquela altura.

“Imbecil coletivo” inverte o sentido de “intelectual coletivo”, de Antonio Gramsci. Reiterando a fórmula do “solitário/virtuoso”, OC sustenta que os consensos construídos socialmente (“intelectual coletivo”) consistem em ignorância (“imbecil”), um desfavor à “inteligência individual” (Carvalho, 2019a [1996], p. 275). Mas era Gramsci o adversário de OC?

Não. Seus adversários eram os gramscianianos. Em particular, Leandro Konder (1936-2014), mediador da recepção de Gramsci no Brasil (Rodrigues, 2019), citado 49 vezes em *O imbecil* (2019a) OC se faz como o avesso de Konder, pois este era corporificação da conformidade impecável, a medida e o modelo de excelência da cidade que lançava OC na zona da indignidade simbólica. É negando a “amabilidade, polidez e boa-fé extraordinárias” dos modos de Konder que OC forja sua “estratégia de escritura/autor” e ganha o mercado das opiniões¹⁰.

Era usual que revistas de grande circulação, com vistas a fidelizar os leitores como assinantes, anexasse como última página uma ficha com perguntas, a ser enviada por correio à editora. Olavo inverte a posição da ficha, colocando-a na abertura do livro:

Figura 1: Formulário

FORMULÁRIO-PADRÃO
para a redação de críticas a *O Imbecil Coletivo*

Nestes dias de progresso velocíssimo, ninguém tem mais tempo para nada, e não é justo exigir, de pessoas atarefadas como os intelectuais brasileiros, que leiam este volumoso livro só para depois redigirem quinze ou vinte linhas que todo mundo já sabe de antemão o que vão dizer. Por esta razão, forneço aqui este formulário, onde essas amáveis criaturas poderão escolher, conforme o estado de seus respectivos fígados, as frases mais apropriadas a descrever o que sentem da obra e do autor. — O. de C.

O. de C., autor deste(a)

- metralhadora giratória
- mistifório reacionário
- escandalosa polêmica,

pretende

- implodir a cultura brasileira
- destruir reputações ilibadas
- expelir seu excesso de bile.

É um sujeito cheio de:

- ressentimento e inveja
- incompreensão dos caracteres específicos da cultura brasileira
- maquiavelismo autopromocional.

Torna-se evidente que a mentalidade desse autor é

- neurótica
- autoritária e prepotente
- nostálgica da Idade Média.

Ele está manifestamente

- desatualizado com a bibliografia mais recente
- em descompasso com a História
- fora de si.

No fundo, ele nos parece movido por

- desejos sexuais recalçados
- ambições políticas sórdidas
- interesses de empresas multinacionais.

PREENCHA, DESTAQUE
E ENVIE AO EDITOR DO SEU SUPLEMENTO CULTURAL.¹

Fonte: Carvalho, 2019 a, s/p

¹⁰ O trecho de OC sobre Konder encontra-se em “excerto 2” (ANEXO A). Convém registrar, contrariando a autoestima da afirmação segundo a qual ele era não era lido, era ignorado etc., Konder respondia a OC. Devo o acesso a tais respostas a João Victor Lourenço de Castro, mestrando em História Social na USP, coorientado por mim e Francisco Palomanes Martinho. Sou grata a ambos.

A fórmula da fusão com o leitor, pela inversão da hierarquia, é reiterada. Tem-se aí a representação de si reputada aos “pares” e ofertada a seu leitor, potencialmente categorizado pelas mesmas classificações que ele já recebeu: polemista, reacionário, ressentido, maquiavélico, autopromocional, neurótico, desatualizado.

Na página seguinte, encontram-se a dedicatória aos filhos e à memória de Paulo Francis (1930-1997), figura igualmente imune aos interditos à “assumir-se de direita”. E, em seguida, o sumário: “Nota do editor”, notas às edições (1ª, 2ª, 3ª, 4ª)¹¹, “Manual do usuário”, “Prólogo do prólogo”, “Prólogo”. Seguem os títulos dos 39 artigos reunidos (publicados em jornais, entre 1992-1997), sucedidos dos aparatos finais de enquadramento semântico: “Apêndices” (3 itens), “Suplemento” (18), “Suplemento do suplemento” (11), “Suplemento suplementar” (8). Adiantando-se, para ler enfim o livro que parece se esconder pelos aparatos, o leitor encontrará mais aparatos. Nova preliminar: “O ministério da saúde adverte. O imbecil coletivo faz mal aos imbecis individuais”. Nas edições seguintes à primeira, a repercussão do livro foi documentada, agigantando os anexos. Tal qual se observou em *Aristóteles*, trata-se de responder a tudo/todos, o excesso e a exceção à norma tornam-se *uma norma própria* – espécie “área de uma pessoa só”, para falar com Júlio Canhada (2019)¹².

A aflição de ser (e se saber) *pária* da área em que “deseja ardentemente” ser *par* não se apaziguou com o sucesso (da exploração) de seu fracasso¹³.

Apoteose entre párias: OC no mercado das reações antipetistas (2003-2016)

A doutrinação antipetista foi um ajuste fácil no acompanhamento da mudança da presidência do sociólogo Fernando Henrique Cardoso ao ex-metalúrgico, Luís Inácio Lula da Silva, pois além de treinado na prática da negação e inversão da conformidade social, para OC não havia diferenças substanciais entre ambos. Pudera. O nexos morfológico é evidente. Tal ponto de vista ideológico corresponde às posições objetivas que ocupam, OC e sua clientela, isto é, as margens mais distantes dos grupos dirigentes que vertebraram cultura e política nas décadas posteriores à reabertura política – encontrando-se constrangidos duplamente, tanto por esta posição socialmente rebaixada quanto por se inclinarem à direita. Não por acaso, é na zona nova e anômica em que elas transitavam, a internet, que OC as encontrou,

¹¹ O livro encontra-se na 10ª edição, pela Record. Este artigo valeu-se da 5ª, publicada em 2019, e indica as datas de publicação original dos textos sempre que essa informação é disponível e confiável.

¹² Devo muito a Júlio Canhada, especialmente nesse tópico, embora divirja dele em atribuir propriedades disposicionais exclusivamente a OC. Elas me parecem próprias do campo intelectual brasileiro (talvez, mais agudas ou perceptíveis no da Filosofia), e, portanto, atuantes em graus diversos em seus agentes.

¹³ Termo usado por ele próprio, cf. excerto 3 (ANEXO A).

catapultou sua concorrência com o jornalismo institucionalizado e prosseguiu as diatribes contra “o que está em cima”.

Assim, em 2002, ainda durante a campanha presidencial petista, OC criou o blog *Mídia sem máscara*. Diferentemente de *Sapientiae*, o título dispensou tradução. Tratava-se de digitalizar o trabalho de descredibilização dos conglomerados da imprensa, no interior dos quais nunca alçou posição estável¹⁴. Em 2004, na rede social *Orkut* (hoje inexistente), registravam-se quatro comunidades com nome Olavo de Carvalho; em 2006, ele lançou o *True Outspeak*, um programa de rádio on-line, que tinha como slogan “Moderação na defesa da verdade é serviço prestado à mentira” e logo se transformou em *podcast*. Novamente, o título é expressivo: alude à repercussão de sua extravagância e afirma o valor dela. Em 2008, criou-se o “Instituto Olavo de Carvalho”, um fórum virtual que durou dois anos (Rocha, 2019). O sucesso nacional pareceria incongruente com a migração para os EUA, desde 2005. Contudo, se na fase anterior ele projetou sua visibilidade do Rio de Janeiro ao país, nesta a digitalização viabilizou a desterritorialização: os “seminários de filosofia” passaram a ser veiculados em seu canal no *youtube*, e, por meio deles, ia reagindo ao cotidiano do governo. Além disso, a digitalização lhe munuiu de ferramentas novas para performar suas fórmulas de negação da “amabilidade e polidez”: manipulação da fachada (camisas de manga longa, colete e/ou suspensório, óculos convencionais, cachimbo, caretas) dos gestos (exagerados, com braços, mãos e dedos) e da voz (com sotaque caipira, imperceptivelmente cativante para alguns/repugnante para outros, entonando ideias com pausas dramáticas, conversando com imaginária voz em off, gritando palavrões) e do cenário (biblioteca com estantes em madeira e portas de vidro, a mesa no mesmo padrão *old style* antimoderno)¹⁵. Aos poucos, apaga-se a gênese anti-Konder da negação do decoro, dada a eficácia performática da exploração audiovisual da atitude. Como nas demais fases, a estratégia de autor/escritura entrelaça-se com as tomadas de posição ideológicas e, portanto, a dinâmica da negação dos “bons modos” encontra-se em operação – desta feita, assumindo proporções inauditas, notável no (incômodo provocado pelo) uso intensificado dos palavrões¹⁶.

¹⁴ Embora publicasse na mídia impressa, a atividade jornalística profissional jamais foi como sua fonte segura de ganha-pão e OC penou em busca de financiamento para sua atividade (Rocha, 2019). Cumpre sublinhar que há dificuldades em encontrar informações objetivas e confiáveis a respeito desse ponto (e de outros a respeito de sua trajetória social, daí reservas em avançar analiticamente em termos de *habitus*, por exemplo).

¹⁵ A dimensão antimoderna de OC combina ideias tradicionalistas, como destacou Teitelbaum (2020), com estilo de se apresentar igualmente antimoderno (evidente na composição cenário/fachada). Sem esta combinação – ideias e estilo de ser – dificilmente ele teria a audiência que alcançou.

¹⁶ O público cultivado sentiu-se agredido tanto pelo teor conservador das mensagens quanto pelo uso ostensivo do gênero baixo – um dos títulos reativos o ilustra: “Única coisa rigorosa no discurso de Olavo são os palavrões” (Fausto, 2018). Com efeito, empregados com parcimônia e notável efeito anteriormente (cf. excertos 4, item “c” no ANEXO A), os palavrões tornam-se abundantes nessa fase.

O conteúdo das mensagens doutrinárias merece atenção, menos por sua novidade e mais pelo parentesco com aquelas dos anos 1990. Tendo como baliza o período entre o primeiro escândalo da presidência petista (“mensalão”, junho de 2005) e o impeachment de Dilma (agosto de 2016), há uma década de repetição de ideias/atitudes com este teor:

“Se o grupo petista atualmente no poder sustenta-se no **desvio sistemático de dinheiro público**, a esquerda continental, da qual esse grupo não é senão um pseudópodo especialmente saliente, apoia-se num aparato muito mais vasto e temível: *a narco guerrilha das Farc, o banditismo organizado do MIR chileno e outras entidades criminosas pertencentes ao Foro de São Paulo. A corrupção instalada no governo federal, preparada desde o começo da década de 90, é apenas uma engrenagem ínfima da máquina criminosa montada pelo movimento comunista para “reconquistar na América Latina o que foi perdido no Leste europeu”*. (Carvalho, 2006, n.p., grifos nosso em itálico, novidades; em negrito, ideias dos anos 1990).

Há também, concomitantemente, o crescimento e a diversificação do público demandante de opiniões políticas, animado por frustrações de suas expectativas econômicas e simbólicas, impulsionadas no período petista da presidência. Se ele tinha (dis) posição à desmedida, como se apontou anteriormente, inflamá-la foi obra desse público. A escalada – de ódio às minorias, aos intelectuais, às instituições, de associações insólitas (cristalizadas em “teorias conspiratórias”, tão assustadora para que se ocuparam do assunto – é indutora e é induzida pela digitalização, ampliação e diversificação da clientela que demandam bens compensatórios a seu esforço e sua boa vontade moral e cultural não recompensadas. Abaixo, um exemplar da fusão entre ele e o leitor do período, entre antipetismo e anti-intelectualismo. Por meio da elegia à fidelidade à “origem de classe” e correlata danação moral da ruptura com ela, OC esquadrinha um sistema geométrico-sintático de oposições oferecendo a mensagem salvífica sob medida para os que não catapultaram a desejada ascensão e para os que descarrilharam na temida decadência¹⁷, a despeito de exercerem a ascética devoção à ordem social e à hierarquia simbólica:

“Voegelin passou fome para estudar. Continuou homem simples, deslocado em ambientes chiques. No auge da glória acadêmica, usava ternos surrados, fumava charutos mata-rato e não tinha a menor classe no consumo de vinhos: bebia o bom e o ruim, incapaz de distingui-los, caindo de sono, vexaminosamente, ao fim do

¹⁷ Cf. os dois tipos acima, ameaçados/frustrados. Remeto, para ilustrar o reforço do apelo à pureza moral articulada à inversão da hierarquia simbólica ao “excerto 5” (ANEXO A).

primeiro copo. Não raro esquecia-se de cortar as unhas, amareladas de fumo. Era, diziam seus confrades, **um aristocrata intelectual com gostos proletários**. Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do maior país da América Latina, nasceu pobre e, ao longo de uma carreira de sucessos políticos espetaculares, foi mudando de hábitos. Aprendeu a apreciar bons vinhos, a selecionar os melhores charutos, a aparecer em público de unhas polidas, envergando ternos Armani, idêntico em tudo a um ricoço de nascença. No auge da glória mundana, gaba-se de não saber falar inglês, mas de seus discursos em português nada sobra exceto os erros de gramática. É um **proleta intelectual com gostos aristocráticos**. Há muitos estilos de um pé-rapado subir na vida. (Carvalho, 2013, p. 79, grifos nosso).

O nexu entre digitalização das atividades e publicação impressa (em jornal e em livros) contraria a impressão ligeira que suporia a substituição da segunda pela primeira¹⁸. Em livros, o ritmo é mais intenso do que na fase anterior: contam-se 15 novos títulos e seis reeditados, em 12 anos (2006-18). Dentre os 15, um deles se desdobra em 32 volumes do paradidático *Coleção História Essencial da Filosofia, pela É Realizações* (editados entre 2002 e 2006)¹⁹; 7 constituem a série *Cartas de um Terráqueo ao Planeta Brasil*²⁰.

Olavo dispunha de alunos desde 1987, em seus “seminários”. Porém, nesta fase, multiplicaram-se “discípulos”, proclamando admiração e rendendo homenagens. Nos protestos em favor do impeachment da Dilma, em 2015, figuravam cartazes e camisetas com a frase “Olavo tem razão”. Um deles era ostentado por Filipe Moura Brasil (1981), então colunista da revista *Veja*, que havia dedicado um poema a OC (“Soneto do estudante sério”) e organizado *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, coletânea de artigos de seu “mestre”, distribuídos em 26 capítulos, dispostos num índice sem numeração, em caixa alta²¹. A epígrafe é um excerto do próprio OC e é informado na página de abertura que as notas do

¹⁸ Obviamente, fazendo os conteúdos se repetirem e alargando tanto a superfície de seus públicos quanto o diversificando – isto é, enviando a mesma mensagem àqueles mais inclinados ao audiovisual, aos jornais e/ou aos livros.

¹⁹ *Aristóteles em Perspectiva, A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci, A Dialética Simbólica, O Jardim das Afições: De Epicuro à Ressurreição de César, O Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser um Idiota*.

²⁰ *O Mundo Como Jamais Funcionou; A Fórmula para Enlouquecer o Mundo; A Inversão Revolucionária Em Ação; O Império Mundial da Burla; O Dever de Insultar; Breve Retrato do Brasil; Os Histéricos no Poder*. Não surpreende que em maio de 2018, quando ainda não se apostava na efetiva vitória de Bolsonaro, a Record prepare uma edição especial em capa dura d’O *imbecil* – tendo alardeado o feito previamente, aquecendo as vendas.

²¹ “JUVENTUDE”; “CONHECIMENTO”; “VOCAÇÃO”; “CULTURA”; “POBREZA”; “FINGIMENTO”; “DEMOCRACIA”; “SOCIALISMO”; “MILITANCIA”; “REVOLUÇÃO”; “ITELLIGENTZIA (MAS PODE CHAMAR DE MÁFIA)”; “EDUCAÇÃO”; “INVEJA”; “ABORTO”; “CIÊNCIA”; “RELIGIÃO”; “LINGUAGEM”; “DISCUSSÃO”; “PETISMO”; “FEMINISMO”; “GAYSISMO”; “CRIMINALIDADE”; “DOMINAÇÃO”; “EUA”; “LIBERTAÇÃO”; “ESTUDO”.

editor e do organizador se encontram no final de cada capítulo “com esclarecimentos relevantes, bibliografia complementar e fragmentos de escritos de Olavo” (Carvalho, 2019 a, p. 15).

O trabalho de Brasil (2013), produzindo *O mínimo*, evidencia a capacidade de transmissão da propensão megalômana e a cumplicidade entre o OC e seu público na mimese plebeia das práticas de consagração legitimadas institucionalmente pelo circuito restrito intrapares do espaço acadêmico (Rodrigues, 2018a, 2018b). Tal como no polo restrito, tem-se mestre/discípulo, homenagem poética, reedição de livro com comentários e paratextos. E, diferentemente dele, os princípios de apreciação que Brasil (2013) aciona para atribuir valor a OC são: combinar alto e baixo, entretenimento com instrução, atingir público em quantidade, diversidade da freguesia (leitores, ouvintes, alunos), desbancar os “intelectuais”. Ora, tais critérios colocam-se à serviço das apostas econômicas que organizam a jogada (cf. “excerto 6” no ANEXO A). Conforme Carlos Andreazza, editor do livro, pela Record: “O que fizemos foi dar um tratamento pop (a OC). Nós *hypamos*, desde a escolha do título até a capa. Havia uma demanda reprimida por esses autores que nós identificamos” (Andreazza *apud* Rocha, 2019, p. 173). O impulso cultural na base dela é evidente: “Ficou provado que a direita também lê” (Andreazza *apud* Rocha, 2019, p. 173) responde à confortante crença de que o país “irreconhecivelmente inteligente” era de esquerda (Schwarz, 1978, p. 62). Contudo, a heteronomia política se entrelaçou à econômica, pois a resposta foi o sucesso comercial de OC.

Brasil não estava só na eleição de OC como seu “mestre”. A produtora de conteúdo histórico paradidático audiovisual digitalizado, *Brasil Paralelo*, também o designou como seu “guru” (Amorim, 2023). Em 2017, o pernambucano Josias Teófilo dirigiu *O jardim das aflições*, documentário financiado por recursos arrecadados entre três mil seguidores de OC e que projetou sua carreira como cineasta. Os casos confirmam a hipótese a respeito da homologia estrutural entre ofertante/demandante, no que tange às posições sobre as quais se erigem as tomadas de posição antipetistas no período (Rodrigues, 2018a), afinal estão situados nas margens dos espaços que monopolizam o arbítrio em suas áreas – jornalismo/Brasil; historiografia acadêmica/Brasil Paralelo; cinema/Teófilo²².

²² Embora o termo (homologia) seja empregado somente a esta altura da exposição, o argumento do artigo é inteiramente erguido a partir dessa ideia, seguindo a trilha de Pierre Bourdieu (1984, 1996, 2007, 2013), para quem o bom uso de teoria é similar ao sangue correndo pelas veias. As pessoas interessadas no problema teórico mais substantivo podem encontrá-lo formulado em Roueff, 2020. Elaborado de modo didático e circunstanciado, vale o apelo à regra de três: Olavo está para seus pares, como seus públicos estão para os públicos dos intelectuais com os quais rivaliza.

Considerações Finais

Se OC cumpre, rigorosamente, as regras do mercado de reações midiáticas antipetistas, caberia perguntar: o que o distingue?

Já se observou que as clientelas espontaneamente o aproximavam dos demais intelectuais deste mercado. Contudo, estes últimos empenhavam-se fortemente na demarcação da linha limítrofe com OC (Rodrigues, 2018a). Por quê?

O antipetismo de Pondé, Villa, Magnoli vinculava-os, de modo palatável, às posições *partidárias* estruturalmente adversárias ao PT, isto é, ao PSDB. Já Olavo, não. Sua estratégia de escritura/autor era refratária a todos os partidos e o princípio gerador dela era sua posição não-institucionalizada na superfície social²³. Enquanto os demais antipetistas eram empregados (e remunerados) *nos/pelos* conglomerados que dispunham da credibilidade, OC era “independente”. Mas “independente” do quê? Entre ele e suas clientelas, há convergência de percepção e representação das elites petistas e tucanas, como duas faces de uma mesma moeda cunhada pela mídia “com máscara”, isto é, a institucionalidade partidária e cultural da reabertura política. Ele e elas estão objetivamente fora desta institucionalidade, daí se conceberem como “independentes” dela.

Ele se distingue também pela precocidade de tomadas de posição. O leque de pautas que marcaram as presidências petistas, indo do âmbito econômico ao cultural e deste ao moral, era abordado por OC desde os anos 1990. Quando começa a se desenhar o mercado das reações antipetistas, em 2003, OC já havia tomado posição contrária: (a) às políticas públicas compensatórias à pobreza (sem deixar de apresentar-se, ele próprio, como “pobre”); (b) à linguagem não-racista; (c) ao feminismo; à legitimidade de políticas antirracistas, à criminalização da homofobia; e ao aborto (cf. excertos 4). Enquanto os recém-chegados iam transitando nesse leque, testando a associação de sua figura a uma ou outra pauta, ele já era (re)conhecido por suas posições contrárias a todas elas, podendo atender de imediato às demandas por contrariedade ao governo federal, acionando o que “já havia dito”. O acúmulo prévio ao momento da demanda e exploração sistemática de sua “antecedência” foram também diferenciais.

Igualmente singular foi seu treinamento no manejo do excesso, na regra da exceção e das inversões, em suma, sua estratégia de autor/escritura. De um lado, a digitalização das mensagens e de sua própria imagem, sofisticou tal estratégia com o incremento dos recursos expressivos. De outro, a ampliação de sua visibilidade

²³ Contudo, isso só ficaria evidente após o advento do bolsonarismo nesta equação. Ultrapassaria a periodização proposta no presente trabalho, mas é esta mesma dinâmica e conteúdo ideológico que situa os antipetistas até 2018 contra Bolsonaro a partir deste ano – e parece apressado supor que eles tenham “mudado de lado”, pois a divisa na era esquerda e direita, porém petismo e antipetismo (agrupando-se, nesta última posição matizes diversos: a esquerda da esquerda, psd-bistas, bolsonaristas, etc).

retroalimentou as técnicas voltadas a extrapolar convenções socialmente aceitas. Daí estar “pronto” para se tornar o porta-voz da imaginação política sem limites (dando sentido às elucubrações sobre a conspiração global de esquerda, as suspeitas e obscuras forças da indústria farmacêutica, dos comunistas na Organização das Nações Unidas (ONU), etc. A coerência entre o conteúdo defendido e estilo de defendê-lo trabalhou a seu favor.

Tais trunfos diferenciais garantiram o sucesso no mercado das reações antipe-tistas e reforçaram as coerções que a *posição de situação* impunha à esquerda, então atada a decoros de Estado, autocensurada em suas críticas e cada vez mais distante dos fiadores de rebeldia que lhe deram contornos historicamente. Do ponto de vista discursivo e prático, efetivamente OC intimidou-a, impôs-lhe freios, reforçando seja a elegante esquiva “não se larga um presidente”, seja o recuo em assumir sua visão de mundo subversiva. Imperceptivelmente, foram desaparecendo do léxico palavras como “capital, trabalho, revolução”, tornaram-se museológicas as críticas ao modelo burguês de família, propriedade privada e seu corolário, a defesa do fim da herança, apagou-se a noção de historicidade do amor parental, a necessidade de fim da religião, o ateísmo, o agnosticismo – para mencionar apenas as obviamente mais subversivas e neutralizadas no horizonte cultural da esquerda. A eliminação desses tópicos de discussão e a canalização de pautas por meio de “políticas públicas” são os sinais mais salientes de um duplo processo que este artigo apenas tangenciou: a intimidação da esquerda pela direita e a “estatização” de sua imaginação política.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. F.; ERNICA, M. “Inclusão e segmentação social no Ensino Superior público no Estado de São Paulo (1990-2012)”. **Educação & Sociedade**, n. 130, 2015.

AMORIM, L. “Com 500 mil assinantes, Brasil Paralelo quer evitar polêmicas e senhor ser ‘a Disney brasileira’”. **Revista Exame**, 23 de fevereiro de 2023.

BOURDIEU, P. **Manet**. Une révolution symbolique. Paris: Seuil, 2013.

BOURDIEU, P. **Sur l’Etat**. Paris: Seuil, 2012.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo/Porto Alegre: Edusp/Zouk, 2007.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.

BOURDIEU, P. **Science de la science et réflexivité**. Paris, Seuil, 2001b.

BOURDIEU, P. **As regras da arte**. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

BOURDIEU, P. **Homo academicus**. Paris: Minuit, 1984.

BRASIL, F M. 15 de março: Olavo tem razão. **Veja**, 15 de março de 2017. Disponível: <https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/15-de-marco-olavo-tem-razao>. Acesso em: 21 ago. 2024.

BRASIL, F M. Apresentação. In. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2013.

CALDARA, M. **Posições e disposições na trajetória de Francisco Weffort (1937-1994)**. UFSCar/PPGPol, 2024.

CANHADA, J. Um jogo de espelhos: Olavo de Carvalho e seus outros. **19º Congresso Brasileiro de Sociologia**. Florianópolis, 2019.

CANZIAN, F. Brasileiro mais escolarizado vê renda desabar e cai na informalidade. **FOLHA DE S.PAULO**, 03 de setembro de 2023.

CARVALHO, R. Da filha de pedreiro que virou médica ao jovem que foi o 1ª da família a entrar na universidade. **Diário da região**, 22 de novembro de 2022.

CARVALHO, O. **O imbecil coletivo**. Atualidades inculturais brasileiras. 5 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2019a, [1996].

CARVALHO, O. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2019b [2013].

CARVALHO, O. **Os Históricos no Poder**. Campinas: Vide Editorial, 2018.

CARVALHO, O. **Breve Retrato do Brasil**. Campinas: Vide Editorial, 2016.

CARVALHO, O. **O Império Mundial da Burla**. Campinas: Vide Editorial, 2016.

CARVALHO, O. **O Dever de Insultar**. Campinas: Vide Editorial, 2016.

CARVALHO, O. **A Inversão Revolucionária Em Ação**. Campinas: Vide Editorial, 2015.

CARVALHO, O. **A Dialética Simbólica**. Campinas: Vide Editorial, 2015.

CARVALHO, O. **O Mundo Como Jamais Funcionou**. Cartas de um terráqueo ao Planeta Brasil. Campinas: Vide Editorial, 2014.

CARVALHO, O. **A Fórmula para Enlouquecer o Mundo**. Campinas: Vide Editorial, 2014.

CARVALHO, O. Entrevista com Pedro Bial. 17 de out. de 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eGLKQDo-_1w&t=746s. Acesso em: 06 dez. 2024.

- CARVALHO, O. Editorial. **Diário do Comércio**. 31 de março de 2006.
- CARVALHO, O. **O imbecil coletivo II**: A longa marcha da vaca vai para o brejo e, logo atrás dela, os filhos da PUC. Rio de Janeiro, Topbooks, 1998a.
- CARVALHO, O. **O exército na história do Brasil**. Rio de Janeiro/Salvador: Biblioteca do Exército e Fundação Odebrecht, 1998b.
- CARVALHO, O. **O futuro do pensamento brasileiro**: estudos sobre o nosso lugar no mundo. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade Editora, 1997.
- CARVALHO, O. **Aristóteles em perspectiva**. São Paulo: Topbooks, 1996.
- CARVALHO, O. **O jardim das aflições**: de Epicuro à ressurreição de César. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.
- CARVALHO, O. **Uma Filosofia Aristotélica da Cultura**. Introdução à Teoria dos Quatro Discursos. Rio de Janeiro, Instituto de Artes Liberais/Stella Caymmi Editora, 1994a.
- CARVALHO, O. **A Nova Era e a Revolução Cultural**: Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Rio de Janeiro, Instituto de Artes Liberais/Stella Caymmi Editora, 1994b.
- CARVALHO, O. **Universalidade e Abstração e Outros Estudos**. São Paulo: Speculum. 1983a.
- CARVALHO, O. **O Crime da Madre Agnes ou: A Confusão entre Espiritualidade e Psiquismo**. São Paulo: Speculum. 1983b.
- CARVALHO, O. **Astros e Símbolos**. São Paulo: Speculum. 1983c.
- CHARTIER, R. Espace social et imaginaire social: les intellectuels frustrés au XVIIIe siècle. **Annales. Economies, sociétés, civilisations**, 1992, n. 2, p. 389-400.
- DAFLON, V. T.; FERES JÚNIOR, J.; CAMPOS, L. A. Ações afirmativas raciais no ensino superior público brasileiro: um panorama analítico. **Cadernos de Pesquisa**, 2013, v. 43, p. 302-327.
- DIEESE. Aumenta ocupação de pessoas com ensino superior, mas em trabalhos não típicos para essa escolaridade. **Boletim Emprego em pauta**. 26 de novembro de 2023.
- ELIAS, N. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- FAUSTO, R. Única coisa rigorosa no discurso de Olavo são os palavrões. **FOLHA DE S. PAULO**, 30 de novembro de 2018.
- HIRSCHMAN, A. O. **A retórica da intransigência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- LEPENIES, W. **As três culturas**. São Paulo: Edusp, 1996.

MARREIRO, F.; BAHIA, G. Lula provoca mal-estar na intelligentsia. **FOLHA DE S. PAULO**, 30 de novembro de 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u55933.shtml>. Acesso em: 07 dez. 2024.

MOURA, M. A. P.; PASSOS, G. O. A taxa de conclusão de curso da graduação nas universidades federais antes e depois do REUNI: as vicissitudes da implementação da política. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, 2019, v. 24, n. 02, p. 513-525.

MUSSE, R. Crise e barbárie. **FOLHA DE S.PAULO**, 23 de setembro de 2007.

NICOLAU, M. As ciências sociais: entre a avaliação e a relevância. **Estudos de Sociologia**, 2019, v. 24, n. 46, p. 213-232.

O JARDIM das Aflições. Documentário. Diretor: Josias Teófilo. Roteiro: Josias Teófilo. Brasil. 2017, 1h 21min.

PASSARINHO, N.; TARGINO, R. Pusemos em marcha a revolução da educação, diz Lula. G1, 01 de abril de 2010. Acesso em: 21 ago. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1554045-5601,00-PUSEMOS+EM+MARCHA+A+REVOLUCAO+DA+EDUCACAO+DIZ+LULA.html>. Acesso em: 07 dez. 2024.

PINHEIRO, F. **O mago, o santo, a esfinge**. São Paulo: Todavia, 2024.

RINGER, F. K. **O declínio dos mandarins alemães**: a comunidade acadêmica alemã. São Paulo: Edusp, 2000.

ROCHA, C. **“Menos Marx, mais Mises”**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese de Doutorado. FFLCH-USP. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Ciência Política, Universidade São Paulo. 2019.

RODRIGUES, L. S. Karl Marx in Brazil: the capital of reading capital (1958-2014). *Tapuya: latin American Science, Technology and Society*, v. 6, p. 1-17, 2023.

RODRIGUES, L. S. Ser marxista no Brasil. *In*: MARTINHO, F.; FREIRE, A. (org.). **Intelectuais e marxismo no mundo lusófono**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019, p. 165-205.

RODRIGUES, L. S. Uma revolução conservadora dos intelectuais (2002/2016). **Política e Sociedade**, v. 17, n. 39, p. 277-312, 2018a.

RODRIGUES, L. S. Centralidade de um cosmopolitismo periférico: a Coleção Grandes Cientistas Sociais no espaço das ciências sociais (1978-1990). **Sociedade e Estado**, v. 33, p. 675-7-8, 2018 b.

RODRIGUES, L. S. Um departamento municipal no ultramar francês: o cosmopolitismo de José Arthur Giannotti. **Revista Campos**, v. 18, n. 1-2, p. 61-87, 2017.

ROUEFF, O. Homologie(s) structural(s). *In*: SAPIRO, G. (org.). **Dictionnaire international Bourdieu**. Paris: CNRS Editions, 2020.

SAPIRO, G. **Sociologia da literatura**. Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2019.

SCHWARZ, R. Cultura e política, 1964-69. *In*: SCHWARZ, R. **O pai de família e outros estudos**. São Paulo: Paz e Terra, 1978, p. 61-92.

SILVA, L. I. L. Discurso FSM/2018. Disponível: <https://institutolula.org/noticias/noticias/com-prouni-filho-do-pedreiro-pode-virar-doutor>. Acesso em: 21 ago. 2024.

TEITELBAUM, B. **A guerra pela eternidade**. Campinas: Unicamp, 2020.

Submetido em: 02/09/2024

Aprovado em: 10/01/2025

ANEXO A – EXCERTOS 1, 2, 3, 4, 5, 6.

Excertos 1.

“(…) nossos escritores e artistas produzem uma cultura de idealização da malandragem, do vício e do crime. Como isto poderia deixar de contribuir, ao menos a longo prazo, para criar uma atmosfera favorável à propagação do banditismo? (...). **Não conheço um único bom livro brasileiro no qual a polícia tenha razão, no qual se exaltem as virtudes da classe média ordeira e pacata, no qual ladrões e assassinos sejam apresentados como homens piores do que os outros, sob qualquer aspecto que seja.** (...) Humanizar a imagem do delinquente, deformar, caricaturar até os limites do grotesco e da animalidade o cidadão de classe média e alta, ou mesmo o **homem pobre quando religioso e cumpridor dos seus deveres — que neste caso aparece como conformista desprezível e virtual traidor da classe —, eis o mandamento que uma parcela significativa dos nossos artistas tem seguido fielmente, e a que um exército de sociólogos, psicólogos e cientistas políticos dá discretamente, na retaguarda, um simulacro de respaldo “científico”** (...) essa “revolução cultural” acabará por perverter todo o senso moral da população, instaurando a crença de que **o dever de ser bom e justo incumbe primeira e essencialmente à sociedade, e só secundariamente aos indivíduos.** Muitos intelectuais brasileiros tomam como um dogma infalível esse preceito monstruoso, que resulta em **abolir todos os deveres da consciência moral individual** até o dia em que seja finalmente instaurada sobre a Terra a “sociedade justa” — um ideal que, se não fosse utópico e fantasista em si, seria ao menos inviabilizado pela prática do mesmo preceito, **tornando os homens cada vez mais injustos e maus quanto mais apostassem na futura sociedade justa e boa**”. (“Episódio Bandidos e Letrados”. Carvalho, 2019b, p. 113-121 – grifos nosso).

“Queixei-me, isto sim, de ser **jugado por um incompetente**. O prof. Ênio Candotti apela ao artifício de **fugir do mérito da questão**, perguntando “o que aconteceria” se todo articulista insatisfeito com um parecer o pusesse em discussão. O que aconteceria é que **a SBPC já não teria no seu quadro de consultores nem o inepto que julgou meu texto** nem estrelas — ou estrelos — que **presunçosamente opinam sobre o que não leram.** (...) Sobre gente assim dizia Karl Kraus: “**Julgam para não serem julgados**”. O prof. Candotti diz que não havia razão para escândalo. Mas ele foi, por sua **omissão**, o único culpado pelo escândalo (...) se esquece de **que a SBPC recebe dinheiro público: se denunciada uma irregularidade no seu trabalho, ela tem a obrigação de investigá-la, em vez de reagir como donzela ofendida e recusar falar do assunto.** (...). Na minha carta, aliás, fui muito **respeitoso** para com a SBPC (...) (Candotti), por **orgulho** e **teimosia**, **prefere arriscar a imagem da SBPC** (...). Ou esse parecerista é alguém muito importante, ou o Prof. Candotti

acha normal que as sociedades científicas sejam como **sociedades secretas, que protegem seus membros sob um pacto de lealdade** até a morte. (...). Enfim, os argumentos usados contra mim nessa polêmica resumem-se a uma carnavalesca exibição de prestígio, ao *argumentum auctoritatis* e ao *argumentum baculinum*. Pergunto eu: **de todos esses senhores, quem conhece Aristóteles o bastante para julgar o caso, mesmo supondo-se que tivessem lido meu trabalho? (...) usurpadores (...) não roubam dinheiro público, mas usam de seus cargos e de seu círculo de amizades para atribuir-se uma autoridade intelectual que não têm. (...). Desafio publicamente** todos esses senhores a discutir, com base nos textos e documentos, as objeções que fiz ao meu parecerista. Todos **fugirão**, ocultando-se **covardemente** atrás da **proteção corporativa**, sem a qual cada um deles é, nesta questão, **apenas um menino indefeso perdido no deserto da sua ignorância**". (Episódio SBPC. Carvalho, 1996, p. 176-180 – grifos nosso). **"Alegando que a complexidade do assunto poderá confundir o leitor leigo, o senhor ali pede que o debate a respeito de meu trabalho sobre Aristóteles saia da imprensa diária para as páginas discretas de 'uma revista especializada'(...)** Quanto a seu **paternal cuidado para com a alma do público leigo** (...) é pura manobra obscurantista. Quem tem a temer com esta discussão não é o público: é a SBPC. Entre os milhões de leitores de *O Globo* **há decerto um número maior de pessoas cultas e capacitadas do que no comitê editorial de Ciência Hoje**. Por **notáveis que se imaginem** os membros desse comitê, eles **não têm a autoridade de um novo Santo Ofício para decidir o que o público está ou não está maduro para saber**. Fingindo proteger o público, a SBPC **se protege a si mesma** (...). Como jornalista profissional, **há trinta anos espero que os debates científicos invadam as páginas da imprensa diária**. Agora que eles começam a chegar lá, não vejo qual o benefício de mandá-los de volta ao gueto especializado". (Episódio SBPC. Carvalho, 1996, p. 183-185 – grifos nosso).

Excerto 2.

"Alguns (...) ficaram indignados. Não era justo, segundo eles, fazer troça com o prof. Konder, cuja **amabilidade, polidez e boa-fé extraordinárias** lhe davam direito a um nicho celeste protegido contra qualquer censura mais **áspera ou gozação** cruel. Minha resposta é: as doçuras da personalidade do prof. Konder são um benefício reservado àqueles que privam de sua intimidade. Nós, o público, recebemos desse **cavalheiro apenas as suas ideias, e temos o direito, o dever de julgá-lo por elas somente**. Aquele que defende os direitos da **estupidez majoritária contra a inteligência solitária é, em toda a extensão da palavra, um homem de mentalidade brutal, um bárbaro, um violento** (...) se as **boas-maneiras** do prof. Konder tornam a **brutalidade** da sua ideologia invisível aos olhos de seus amigos, é porque *amica veritas, sed magis amicus* Konder. Ademais, **por que a responsabilidade filosófica**

acima de toda consideração pessoal haveria de ser uma qualidade humana tão inferior à polidez do prof. Konder?”. (Carvalho, 2019a, p. 444).

Excerto 3.

“**DESEJANDO ARDENTEMENTE ser admitido** em rodas de intelectuais, pus-me a estudar os temas e a linguagem das publicações culturais e das entrevistas que as pessoas **reconhecidamente letradas davam na TV**. Meu intuito **era saber os gostos e hábitos dessa gente, sem cuja companhia e aplauso a vida humana é, como todo mundo sabe, um tédio, um saco, um inferno**. Após alguns meses de investigação, consegui delinear um **quadro de normas de conduta**, que ponho aqui à disposição de todos os que, **como eu, somem a uma atração mágica pelos círculos de gente fina uma vocação incoercível de alpinista social**. Aqui encontrarão a **fórmula** que abre as portas da admissão no grande mundo das pessoas belas e significativas, longe da opacidade cinzenta do anonimato”. (Carvalho, 2019b, p. 271 – grifos nosso).

Excertos 4.

(a) “jamais acreditei que homem algum tivesse nada a esperar de governos. Reivindicar do governo, mesmo aquilo que é teoricamente justo, resulta sempre, na prática, em rebaixamento moral: um homem que entre por esse caminho acaba por não enxergar outra forma de ação senão a reclamação. (...) Um governo que se mete em tudo obriga as pessoas a tudo reivindicarem dele: avilta o povo ao atender às suas demandas, premiando a indisciplina e o protesto, e também ao não as atender, semeando a desesperança e o cinismo”. (Carvalho, 2019b, p. 124-125).

(b) “[o jornal] toma a iniciativa de doutrinar as crianças contra o uso de expressões como “a situação está preta”, “negra infelicidade”, “destino negro”, etc., que a seu ver são racistas. (...) [reprime], sob pretextos políticos de ocasião, o uso de metáforas naturais que remontam às origens da espécie humana e que se tornaram, ao longo dos milênios, fundamentos indispensáveis da nossa percepção do mundo. O simbolismo do claro e do escuro vem do tempo das cavernas, das sensações primevas de terror e deslumbramento. O negro do destino negro não é o marrom da pele dos nossos irmãos, mas a escuridão da noite. É a pura e simples ausência de luz. (...) as crianças submetidas a essa lavagem cerebral serão forçadas, pelo superego politicamente correto, a negar a realidade de sua experiência sensível mais direta e a substituí-la por um sistema de artificiosos rodeios verbais desnecessários e sem sentido”. (Carvalho, 2019b, p. 292).

(c) “Essa escalada de mudanças constituiu uma das mais profundas revoluções psicológicas já vividas pela humanidade. Ela acabou por neutralizar as diferenças

de sexo e idade, fazendo com que homens e mulheres, velhos e crianças, estivessem todos igualmente expostos aos mesmos riscos. Isso bastaria para explicar e justificar uma nova ética doméstica: se os riscos são iguais para todos, todas as tarefas são iguais; se já não vigora o privilégio feminino de ficar em casa a salvo das violências, também não se justifica o privilégio masculino de largar para a mulher o encargo de fazer a cama e recolher as meias. Mas, de um ponto de vista estritamente moral, devemos censurar os homens porque não têm pressa em tornar-se donas de casa (...). Eu preferia o tempo em que *ladies first*, e hoje, quando dou a mão a senhoras e senhoritas para descerem do táxi, passo por um tipo entre encantador e ridículo de cavalheiro antiquado. Mas como poderia agradar a D. Carmen, se acontecesse de lhe estender a mão na hora em que ela não estivesse a fim de amabilidades? Como poderia um homem adivinhar o momento em que estender a mão pareceria gentileza antiquada ou ofensa à dignidade de um ser autossuficiente? D. Carmen reclama que o marido entra no quarto fazendo um barulho dos diabos e depois pergunta em voz melíflua — Está dormindo, Carmencita? Ela acha isso revoltante. Mas se o marido entrasse mudo e silente como a brisa noturna para não acordar sua amada, não é nada garantido que D. Carmen, **movida pela convicção de que os homens sempre fazem o contrário do que se espera deles**, não interpretasse isso como sinal de indiferença cínica. De modo que **a única maneira de agradá-la seria, ao que parece, seria entrar em silêncio e em seguida despertá-la repentinamente aos berros: — Está dormindo, sua vaca?'** (Carvalho, 2019b, p. 295).²⁴

Excerto 5.

“Mais doloroso ainda, porém, foi descobrir que todos os mestres-pensadores e líderes políticos que encarnavam os ideais pomposamente alardeados pela militância intelectual esquerdista – todos, sem exceção – pertenciam inequivocamente à segunda categoria. Quem quer que estude as vidas de cada um deles descobrirá que Voltaire, Diderot, Jean-Jacques Rousseau, Sade, Karl Marx, Tolstói, Bertolt Brecht, Lenin, Stalin, Fidel Castro, Che Guevara, Mao Tsé Tung, Bertrand Russell, Jean-Paul Sartre, Max Horkheimer, Theodor Adorno, Georg Lukács, Antonio Gramsci, Lillian Hellman, Michel Foucault, Louis Althusser, Norman Mailer, Noam Chomsky e *tutti quanti* **foram indivíduos sádicos, obsessivamente mentirosos, aproveitadores cínicos, vaidosos até a demência, (...) orgulhosamente pedófilos**. Em suma, o panteão dos ídolos do esquerdismo universal era uma galeria de deformidades morais de fazer inveja à **lista de vilões da literatura universal**”. (Carvalho, 2013, p. 138 – grifos nosso).

²⁴ Por limitações de espaço, remeto a “Direito racial é racismo” (Carvalho, 2019a, p. 345) e “Mentiras gays” (Carvalho, 2019a, p. 207).

Excerto 6.

“Olavo une a **linguagem popular à alta cultura**, no todo e nas partes, variando apenas, de acordo com o formato, a intensidade de cada uma, mas sempre com o poder de **educar e divertir** ao mesmo tempo os seus **milhares de leitores, ouvintes e alunos**, e com a **coragem** de expor ao ridículo a **quadrilha** de ‘intelectuais’ que corrompe o país.” (Brasil, 2013, p. 27).